

O PROCESSO DE INCULTURAÇÃO DO DOGMA NA IGREJA PÓS-APOSTÓLICA

Pe. Francisco Valter Lopes, sjc*

RESUMO

É provável que antes da aurora do segundo século da era cristã não houvesse mais testemunhas oculares do que aconteceu a Jesus de Nazaré (Lc 24,19) e que os Apóstolos, propriamente ditos, já tivessem morrido. Trata-se de um novo período da história do cristianismo. As primeiras comunidades haviam gerado pequenos núcleos espalhados pelo Império Romano, sobretudo nas cidades mais populosas. A fé em Cristo Jesus, quando adentrou em novas culturas, precisou consolidar sua identidade e estruturar-se de modo a não perder a centralidade carismática que a propulsionava a exibir-se corajosamente, não obstante padecendo martírios e difamações.

Palavras-chave: *Jesus, primeiras comunidades, fé cristã.*

ABSTRACT

It is possible that before the dawn of the second century of Christianity, there had been no more witnesses of what had happened to Jesus of Nazareth. (Luke 24,19), and the Apostles had already died. It is all a new period of Christian history. The small communalities had generated small nucleous spread all over the Roman Empire, above all in the most populated cities. The faith in Jesus Christ, while within new cultures, needed to consolidate its identity and to structure itself so as no to lose its charismatic centrality that could propotionate it to exhibite itself courageously, inspire of the martyrdom and un belief.

Key-words: *Jesus, first communities, Christian faith.*

* Sacerdote religioso da Sociedade Joseleitos de Cristo. Graduado em Filosofia (Unisal) e Teologia (Dehoniana). Está cursando o mestrado em Teologia Dogmática pela PUC-SP.

INTRODUÇÃO

O período pós-apostólico é caracterizado pela ausência dos discípulos que conviveram diretamente com Jesus de Nazaré ou com algum dos seus Apóstolos. É um tempo de intensa manifestação contrária ao estabelecimento desta nova religião: "Uma classe de homens abominada por seus vícios, que o povo conhecia como cristãos".¹ As referências a este período podem ser encontradas tanto em escritos das comunidades, quanto em documentos do Império Romano, ou seja, em fontes pagãs. O movimento destes seguidores de Jesus se tornava alhures um acontecimento capaz de revolucionar, ao apresentar sua doutrina, no contexto sociocultural em que o Império Romano fincava suas raízes, não sem a colaboração e até a participação de um bom número de religiões que sobreviviam na esteira da filosofia de sustentação deste grande aparato dominador.

A pregação do Evangelho entrava em contato com diversas culturas e religiões, o que impôs a urgência de responder a alguns entraves com relação ao seu querigma, por exemplo: como apresentar a novidade do Kyrios (1Cor 9,1) sem abdicar da identidade dogmática e sem entrar a adesão dos novos batizados e manter a fidelidade ao querigma em um contexto diverso daquele da Galileia e da Judeia. Naquelas comunidades, os responsáveis hierarquicamente estabelecidos precisavam definir caminhos e apontar as soluções apoiando a fé na tradição recebida dos primeiros *Kerygmatas*.

Bem no centro das preocupações daquelas comunidades em franca expansão, mesmo enfrentando o braço mortal dos seus opositores,² estava o interesse dos cristãos em manterem-se coesos na profissão da fé comum. A determinação e a audácia daqueles cristãos eram as armas mais certas para continuarem professando a fé no Kyrios Jesus e, ao mesmo tempo, anunciando o Evangelho.

¹ Palavras de Cornélio Tácito, um historiador pagão do século II. Ver: CROSSAN, John Dominic. *O essencial de Jesus; frases originais e primeiras imagens*. São Paulo: Jardim dos Livros, 2008. p. 10.

² As primeiras medidas para combater os cristãos foram editadas desde o ano 64 pelo imperador Nero. Ver: DANIELOU, Jean; MARROU, Henri. *Nova História da Igreja I: dos primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 101.

SOB A OPRESSÃO ROMANA: TESTEMUNHANDO A FÉ

É no segundo século, antes mesmo da primeira centena de anos da morte de Jesus de Nazaré, que os cristãos se tornam mais conhecidos e, não sem surpresa, mais combatidos. O historiador Flávio Josefo relatou em seus escritos que Jesus foi o “homem que fazia coisas surpreendentes” e o “mestre para as pessoas que aceitavam a verdade com alegria”, e que os seus seguidores não desistiram do “afeto por ele” e, mesmo depois da vergonhosa crucificação de seu mestre, “não desapareceram”.³

Naquelas décadas, os cristãos eram pequena minoria na vastidão do império; estavam presentes em “todas as classes da sociedade”,⁴ agrupados nas periferias das grandes e pequenas cidades; ao interno de suas comunidades havia sérias divergências, o que minguava o crescimento e contratestemunhava a unidade da fé. São estas configurações que continuavam crescendo em número de batizados, se expandindo nas diversas regiões e oferecendo a salvação no Filho de Deus para todos. Não lhes faltava a coragem para se pretenderem, contra todas as adversidades, ser uma religião universal,⁵ o que mais tarde se dirá “católica”. Além disso, aquelas comunidades incomodavam as sólidas estruturas políticas de Roma,⁶ a ponto de grandes generais e de alguns imperadores cuidarem pessoalmente da extinção desta “corja de destruidores” da vida econômica e local e “desafiadores da ordem imperial”. Não demorou muito para que o cristianismo se tornasse uma religião proibida.⁷

Numa realidade cuja fisionomia religiosa era extremamente diversificada, “os cristãos se recusavam a participar do culto que considerava o imperador como senhor”.⁸ Entretanto, ao espalhar-se pela Ásia Menor, a doutrina que pregava um Kyrios maior que aquele que estava sentado no trono romano expõe-se à repressão “com os mais severos requintes de crueldade”.⁹ Quando

³ Cf. CROSSAN, John Dominic. *Op. cit.*, p. 9.

⁴ DANIELOU, Jean; MARROU, Henri. *Op. cit.*, p. 75.

⁵ Cf. LIBANIO, João Batista. *Qual o futuro do cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2006. p. 65.

⁶ Há registros de uma perseguição contra os cristãos no ano 112 acusando-os de destruir a vida econômica local e desafiar as ordens do imperador.

⁷ Cf. *ibid.*

⁸ COMBY, Jean; LEMONON, Jean-Pierre. *Vida e religiões no tempo das primeiras comunidades cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 17.

⁹ *Ibid.* Essas são as palavras de Cornélio Tácito.

este mesmo título jesuano – um dos mais antigos nas celebrações da vida das comunidades, desde Jerusalém e Galileia (Mt 28,18) – era pronunciado apenas nas plagas da Palestina, não era tão relevante.

Datada do início do século II, a Carta de Plínio ao imperador Trajano sugere uma exigência aos cristãos: a de que deviam não somente chamar o imperador de *Kyrios Kaisar*, mas também, no mesmo ato confessional maldizer o nome de Jesus. Era preciso não simplesmente queimar incenso para César, mas também negar com veemência a Jesus.¹⁰

O DOGMA: CONSOLIDAÇÃO E EXPANSÃO

O desenvolvimento do dogma, ao longo do século II, passou pela interpretação dos grandes Padres Apologistas: Clemente, Policarpo,¹¹ Inácio, Tertuliano, Justino, Pápias, Pastor de Hermas e outros teólogos, dos quais temos apenas notícias. Eles eram cultuados como exemplos de mártires da fé e apóstolos da sã doutrina, numa época em que a consolidação e a expansão do dogma não eram preocupações primordiais, pois outros desafios, como o martírio, a expansão das comunidades, o contato com outras religiões e culturas eram mais urgentes. Entretanto, foi no segundo século que surgiram as fórmulas “cristológicas”¹² germinadas na insistência de que Jesus foi concebido virginalmente.¹³

Esta ideia, bem fundamentada nas cartas de Santo Inácio, dirigidas às comunidades espalhadas pelas margens do mar Egeu, na Ásia Menor, fomentou uma rede de lideranças capacitadas para animar e sustentar o crescimento e a expansão da doutrina cristã.¹⁴ As divergências teológicas e exegéticas foram percebidas e debatidas de modo mais incisivo no século seguinte. Inácio de Antioquia denunciou e combateu as tendências judaizantes insistindo na unidade em torno do bispo local. O bispo, para Santo

¹⁰ Cf. CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Liber, 2001. p. 282.

¹¹ Clemente de Roma no Ocidente e Policarpo de Esmirna no Oriente exerceram forte influência sobre as comunidades, enviando-lhes cartas que eram lidas nas reuniões e liturgias.

¹² Cf. SESBOÛE, Bernard; WOLINSKI, Joseph. *História dos dogmas. Tomo I: o Deus da salvação*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 83.

¹³ Essa doutrina está presente em Inácio, Justino e Ireneu.

¹⁴ Cf. IRVIN, Dale P.; SUNQUIST, Scott W. *História do movimento cristão mundial. Volume 1: do cristianismo primitivo a 1453*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 97.

Inácio, tem um papel fundamental: assumir a responsabilidade de preservar a doutrina cristã, tal qual receberam dos Apóstolos e de anunciá-la.

Justino, por sua vez, na sua importante obra *Diálogo*, defendeu a doutrina cristã contra a heresia que afirmava que Jesus não tinha corpo humano e, portanto, não havia sofrido verdadeiramente na cruz para nossa remissão.¹⁵ Aliás, foi justamente este sofrimento de Jesus na própria carne que deu significado diante da dor, dos sofrimentos e da morte de tantos que professavam a fé cristã. Justino justifica que o Antigo Testamento comporta uma dupla profecia sobre o Messias: Jesus é o sofredor e é o glorioso, por isso nasceu de concepção virginal e morreu na cruz. Tudo isto constitui a “novidade” que as comunidades professaram, celebraram e anunciaram.

O dogma cristológico, de modo essencial, e todas as ramificações que nele encontram fonte e dinamismo, foi gestado no seio da *Ekklesia*. Era na convivência fraterna, na partilha do pão e perseverança nos ensinamentos dos Apóstolos que se verificava a prática da fé. Esta foi a base original do dogma. A linguagem dogmática foi expressa no amor, não na hierarquia,¹⁶ embora a hierarquia constitui-se como referência para averiguar a transmissão da doutrina. O grande teólogo Ireneu usou este argumento, no século III, para refutar Marcião (†155) analisando a sua heresia à luz dos Apóstolos e dos bispos que permaneceram fiéis à comunhão.

A consolidação dogmática não aconteceu do dia para noite. Foi preciso maturação. Antes da fé definida estava a fé vivida. A propensão à dogmatização, verificada no século II, é justificada pelo risco de perder o referencial da fé em Cristo ao absorver elementos sincréticos das outras religiões e ter que “maquiar” a doutrina cristã para parecer menos nociva ao estabelecimento do império e afastar o perigo da morte. Era preciso definir com clareza os aspectos essenciais da fé para não perdê-los de vista e correr o risco de causar divisões e confusões com relação ao Evangelho. Neste sentido, as comunidades perceberam desde cedo que o *Kyrios Iesous Christos* é o cerne da sua fé e não pode ser dissolvido, nem preterido. A identidade cristã centra-se neste paradigma. Esta era a norma soberana: a fé comum em Cristo Jesus.

¹⁵ Cf. *ibid.*, p. 103.

¹⁶ *Ibid.*, p. 99.

INCULTURAÇÃO: DESAFIO E URGÊNCIA

Chegando ao século II, verificamos que o cerne do dogma cristão estava composto a partir de três elementos: a sucessão apostólica, o Cânon Sagrado e os símbolos da fé.¹⁷ A explicação e o anúncio da fé em Cristo para os que já haviam recebido o batismo e para os que desejavam recebê-lo seguiam essa pedagogia. Para tanto, algumas obras foram compiladas e destinadas à catequese nas comunidades, sintetizando a doutrina cristã (por exemplo: Didaqué, Epístolas de Barnabé etc.); o conteúdo dogmático centrava-se no mandamento do Amor a Deus e ao próximo e tinha um acentuado caráter apocalíptico considerando Jesus como “Anjo Glorioso” que substituiu Miguel (Hermas); aplicavam-se muitos “Nomes” a Jesus (Justino), o qual ofereceu a redenção pela cruz (Ireneu), depois de subir vitorioso dos infernos (Odes de Salomão).¹⁸ Aliás, o Símbolo dos Apóstolos ganha destaque na pregação desses grandes mestres da fé cristã. Orígenes (185-251), no século III, formulará esta doutrina de modo mais sistemático, expondo a centralidade e o conteúdo do dogma cristão. O Símbolo da fé que hoje professamos é o desdobramento do que foi professado na doutrina de Inácio e de Ireneu.

Para manter-se unida na mesma fé, as comunidades cristãs do século II praticavam a excomunhão. A difamação do nome de Jesus, por exemplo, incorria na excomunhão, pois era um pecado que não merecia perdão. Difamar o nome de Jesus significava difamar toda a comunidade. Sem a vida comunitária a doutrina ficava, pois, comprometida. Por isso, os fiéis – batizados ou catecúmenos – cultivavam o desejo de entregar a própria vida para não difamar a sua fé, a sua comunidade.

A prática do batismo como necessário à salvação se delineou nesse confronto. “O lugar do exercício principal da função confessional é certamente a liturgia da Igreja”.¹⁹ O rito de iniciação cristã se configurava de modo unânime tanto no Ocidente como no Oriente. Aquele que desejava participar da comunhão em Jesus Cristo deveria ser imerso em águas e receber o óleo. Quem presidia o rito invocava a Santíssima Trindade, como fizeram os apóstolos, seguindo o mandado de Jesus (Mt 28,19). Por este rito, os batizados passavam a fazer parte da comunidade daqueles que não pertencem

¹⁷ Cf. SESBOÛE, Bernard; WOLINSKI, Joseph. *Op. cit.*, p. 67.

¹⁸ Cf. DANIELOU, Jean; MARROU, Henri. *Op. cit.*, pp. 97-99.

¹⁹ SESBOÛE, Bernard; WOLINSKI, Joseph. *Op. cit.*, p. 71.

a este mundo. Clemente e Policarpo insistiam em cultivar a ausência da pátria terrestre, afirmando que os cristãos são *parakai*, isto é, passageiros sem lar.²⁰ Esta novidade da doutrina cristã contrariava terminantemente o costume da época, pois a pátria era o critério da cultura e da religião, ou seja, estava diretamente ligada à identidade da pessoa. Esta característica da comunidade dos seguidores de Jesus apresentava ao Império Romano duas possibilidades: a de afronta jurídica por quererem afirmar que outro reino é possível e a de se passarem despercebidos ou ilegítimos para a sociedade romana.

CONCLUSÃO

A inculturação do dogma na Igreja pós-apostólica aconteceu como necessidade imposta pelo confronto com outras religiões e culturas e com o Império Romano. Pesavam sobre aquelas comunidades, ao mesmo tempo espalhadas, distantes e unidas, sérias acusações que visavam à sua dispersão e desaparecimento total. Ao serem acusados de antropofagismo e de incesto, crimes hediondos, os cristãos não tardaram em reapresentar o seu código de ética que valoriza a pessoa humana. Entretanto, a acusação mais incisiva foi a de ateísmo, ou seja, a de acreditar em um “Deus que está morto”. Da prioridade de se defender dessa acusação é que nasceram os mais belos escritos para esclarecer a ressurreição de Jesus e a necessidade de sua morte para a remissão dos pecados.

No século II, em virtude da atuação corajosa e eficiente de grandes mestres, a fé cristã era professada com certa unidade e celebrada na diversidade das culturas. Surgiram importantes obras apologéticas escritas para apresentar a fé, tal como foi anunciada pelos Apóstolos, e para responder às acusações de ateísmo, introduzindo as discussões cristológicas, sem apresentar definições acabadas.

Se pudéssemos apontar uma sequência de dogmas expressos nos tratados dos apologistas do segundo século da era cristã, certamente todas se derivariam do dogma da ressurreição. O *Dokein*, por excelência, é Jesus Cristo, o Senhor. Em torno desta fé as comunidades cresceram efetivamente concorrendo com as tantas doutrinas teológicas bem mais tradicionais,

²⁰ Cf. *ibid.*, pp. 99-100.

afrontando a teocracia dos Césares e se ajustando para não ceder às tentações das heresias. A necessidade do dogma se impôs como profissão de fé para, ao mesmo tempo, destacar a identidade cristã e diferenciar-se das outras doutrinas. De posse desta identidade, as comunidades testemunharam e no-la transmitiram tal como hoje a professamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMBY, J.; LEMONON, J. P. *Vida e religiões no tempo das primeiras comunidades cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- CROSSAN, J. D. *O essencial de Jesus; frases originais e primeiras imagens*. São Paulo: Jardim dos Livros, 2008.
- CULLMAN, O. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Líber, 2001.
- DANIELOU, J.; MARROU, H. *Nova História da Igreja I: dos primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- IRVIN, D. P.; SUNQUIST, S. W. *História do movimento cristão mundial. Volume 1: do cristianismo primitivo a 1453*. São Paulo: Paulus, 2004.
- LIBANIO, J. B. *Qual o futuro do cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2006.
- QUESNEL, M. *Paulo e as origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SESBOÛE, B.; WOLINSKI Joseph. *História dos dogmas. Tomo I: o Deus da salvação*. São Paulo: Loyola, 2002.